

# O ENSINO MUSICAL EM BANDAS DE PERCUSSÃO: A INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO DO REGENTE DE BANDA

## Comunicação

*Jill Margarete Rodrigues Feitosa de Sousa Santos*  
UFMT- Universidade Federal de Mato Grosso  
jillregentepercussionista@gmail.com

*Rita de Cássia Domingues dos Santos*  
UFMT- Universidade Federal de Mato Grosso  
rita.domingues@gmail.com

**Resumo:** A presente comunicação aborda a formação dos regentes de bandas e fanfarras que atuam em projetos de escolas da rede pública em Cuiabá, baseado no relato de experiência de uma das autoras, contextualizando as problemáticas que os regentes que operam nesses projetos enfrentam em seu cotidiano. Traz discussões e questionamentos a respeito do ensino de música em bandas escolares, a profissionalização dos maestros e regentes de bandas, as dificuldades e a realidade dos projetos de bandas e fanfarras nas escolas públicas de Cuiabá, bem como debates sobre os conteúdos, objetivos musicais e as metodologias usadas para o ensino da música neste espaço. Sendo um relato de experiência, o último subtópico será dedicado à experiência musical de aprendizagem de uma das autoras deste texto. Pretende-se, com esta comunicação, refletir sobre como as metodologias aplicadas no ensino musical das bandas impactam na formação do futuro regente de banda; e analisar a pertinência desse meio de musicalização, bem como a defasagem causada na formação dos regentes pela falta de apoio de universidades e entidades governamentais.

**Palavras-chave:** Ensino musical, bandas e fanfarras, formação dos regentes de bandas.

## Introdução

Durante a carreira de um regente de banda ou fanfarra pode-se constatar diversos fatores e situações vivenciados no seu cotidiano. Um desses fatores é a formação do regente, que se almeja em nível superior. Mesmo o ingresso do regente num curso de música de nível superior não garante que ele tenha uma formação a contento no quesito de bandas e fanfarras.

A Universidade Federal de Mato Grosso<sup>1</sup> é a única universidade em Cuiabá que oferece o curso de música de forma presencial, porém o curso superior de regência aborda apenas a regência orquestral e o curso de licenciatura não têm nenhuma disciplina que aborda a educação musical em bandas e fanfarras. Isto torna-se problemático na atuação profissional, pois esse é um dos contextos de musicalização mais encontrados nas escolas públicas. Nesse sentido, muitos recém-formados não conseguem desenvolver um trabalho objetivo e satisfatório na área devido à falta de experiência neste meio.

A presente comunicação busca questionar qual seria uma preparação adequada para formar regentes de bandas, bem como outros conhecimentos que eles precisam ter para desenvolver um bom trabalho na área das bandas e fanfarras. Levando em consideração a grande importância dos projetos das bandas escolares, por trazerem benefícios para o aluno em sala de aula, assim como para formação como cidadão, Lima afirma:

Esses grupos têm servido como centros de estímulo a talentos promissores, além de espaço de integração social que dinamiza as relações humanas (a minha experiência profissional, após 15 anos como regente de banda, é um testemunho destas palavras). (LIMA, 2000, p. 19)

Além da banda escolar apresentar benefícios ao trabalho com a arte, e estar ligada ao reconhecimento social dos atuantes nela perante a comunidade, em seu entorno escolar, sua função social é bem representada nas palavras de Lima:

Para as comunidades, a manutenção desses grupos significa não somente o estímulo ao aprendizado musical, o que já é bastante enriquecedor, mas também a garantia de um espaço que permite aos pais saberem onde estão seus filhos e o que fazem com quem se relacionam; longe das drogas e da marginalidade. (LIMA, 2000, p. 24)

Infelizmente corre-se o risco de cessar a atuação da banda escolar não só devido às inúmeras dificuldades existentes para se desenvolvê-la, mas também pela desvalorização dela. Afora esta problemática temos também a questão que alguns regentes não são bem preparados para exercer a frente das bandas, tema principal deste relato.

Com a falta de preparo tanto musical quanto teórico de muitos regentes, o ensino musical em grande parte das bandas de Cuiabá é insuficiente. Os contextos instrumentais da

---

<sup>1</sup> A partir daqui vamos referenciar a Universidade Federal de Mato Grosso pela sua sigla, UFMT.

maior parte das bandas da capital mato-grossense são de percussão, porém o conhecimento adquirido pelos regentes na maior parte das vezes veio através das experiências vividas no meio das bandas, o que nos leva a um círculo vicioso que precisa ser rompido. Paiva destaca a falta de materiais didáticos para o ensino coletivo de percussão, e alerta que “a formação musical de todo percussionista está ligada geralmente à prática em conjunto, ocorrendo tanto no âmbito da música popular, quanto no da erudita”. (2004, p.9) Existem poucos métodos para instrumentos de percussão erudita que podem ser adaptados para a realidade das bandas. Temos algumas exceções, como o livro "As Dez Páginas" de John Grant que é um método de técnicas rudimentares, escrito diretamente para bandas.

Todo este questionamento se liga à apresentação do próprio percurso na música de uma das autoras, como atuante na área de bandas em Cuiabá, sua experiência inicial de aprendizagem no meio de banda e o caminho que percorreu até se tornar regente.

No desenvolvimento a seguir serão apresentados subtópicos com informações relevantes para compreender melhor o tema da formação necessária ao regente de bandas e comprovar a seriedade do papel desempenhado pelas bandas e fanfarras para a sociedade.

## **Desenvolvimento**

Esta parte do texto será dividida em quatro subtópicos: o primeiro discorrerá sobre as bandas e fanfarras nas unidades escolares de Cuiabá; o segundo vai discutir a relevância dos projetos de bandas e fanfarras nas escolas públicas; e o terceiro subtópico abordará questões sobre a formação do regente de banda em Cuiabá. Por fim, o desenvolvimento será finalizado com o relato de experiência de uma das autoras deste texto.

### **Bandas e fanfarras nas unidades escolares de Cuiabá**

As bandas e fanfarras fazem parte da cultura musical cuiabana e são símbolos artísticos de grande valor dentro das escolas estaduais e municipais da capital. Nesse sentido, Campos (2008) complementa que:

A música tem se configurado de inúmeras formas no espaço escolar. Se a educação musical ainda não é prática oficializada, os grupos vocais e

instrumentais assumem papel importante no que se refere à socialização, à disciplina e à ampliação de experiências musicais. Desse modo, as bandas e fanfarras constituem elementos importantes na forma escolar e podem ser analisadas como derivações do ensino de música na escola. (CAMPOS, 2008, p. 103).

A Secretaria de Educação de Mato Grosso<sup>2</sup> é a idealizadora do projeto EDUCARTE - Projeto de Arte, Música e Comunicação, sendo que dentro deste projeto a atuação em banda escolar é considerada uma Disciplina Optativa/Atividade Complementar. O Núcleo de Programas e Projetos – NUPP, é o setor responsável pelo EDUCARTE, sendo que 187 Escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso, distribuídas em 72 municípios que tiveram seus projetos analisados, deferidos e autorizados pela SEDUC. Esse projeto está normatizado pela Portaria nº 597/2018, em seus artigos 26 e 28, e Portaria nº 642/2018 (específica do projeto), que possibilitaram às unidades escolares interessadas na implantação, o envio de projeto para análise e autorização. Com isso, as Escolas que tiveram seus projetos autorizados atribuíram um (a) professor (a) para desenvolver as atividades do projeto com alunos matriculados na Educação Básica.

O Projeto Pedagógico EDUCARTE, além de envolver a comunidade escolar nas unidades autorizadas, está presente na agenda de eventos de todas as escolas que têm esse projeto, com a finalidade de divulgar os aprendizados adquiridos pelos alunos, em eventos como datas comemorativas diversas, desfiles cívicos e concursos.

As bandas são bastante estimuladas a participar, pois são espaços nos quais as bandas tentam marcar seu lugar na sociedade e na comunidade a que pertencem, garantindo sua permanência (HIGINO, 2006). Esses concursos normalmente possuem regulamento próprio e um dos critérios estabelecidos refere-se à instrumentação utilizada. Por exemplo, no regulamento geral do campeonato nacional de bandas e fanfarras de 2008, promovido pela Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras (CNBF) há uma descrição detalhada dos instrumentos utilizados em cada categoria. Dessa forma, as bandas concorrem apenas na sua categoria específica. Os instrumentos que compõem cada categoria podem apresentar variações nas diversas regiões do Brasil em virtude das diversidades culturais existentes (LIMA, 2000).

---

<sup>2</sup> A partir daqui vamos referenciar a Secretaria de Educação de Mato Grosso pela sua sigla, SEDUC.

Segundo Brandani, os concursos entre as bandas mobilizavam milhares de pessoas entre elas estudantes, músicos e profissionais de comunicação. Para Brandani: “O campeonato faz parte de nossa história musical, por ter mantido viva essa tradição popular”. (BRANDANI, 1985, p 35). Como os concursos enfocam a competição entre as bandas, privilegiando a melhor apresentação musical, as bandas e fanfarras adotam metodologias de ensaio que enfatizam a execução musical em prol de bons resultados nos concursos.

### **A importância dos projetos de bandas e fanfarras nas escolas públicas**

Apesar dos projetos de bandas e fanfarras serem desenvolvidos em escolas públicas, os recursos utilizados na aprendizagem do aluno são semelhantes aos recursos de projetos sociais.

O projeto EDUCARTE disponibiliza através das escolas ações pedagógicas de cunho interdisciplinar voltadas para a Arte, a Música e a Comunicação, que são desenvolvidas de forma a garantir espaços nos quais os alunos participam em regime de contra turno, ocupando o tempo ocioso com novos aprendizados para a vida, ampliando conhecimentos e conceitos que já possuem. Tudo isso visando a melhoria da proficiência desses alunos, nas etapas ou modalidades de ensino em que se encontram matriculados dentro da trajetória escolar.

Em projetos sociais, o foco também está voltado para o aprendizado do aluno, porém geralmente há uma preocupação maior com aspectos psicológicos, devido muitas vezes o contexto ser o de ocupar os jovens marginalizados ou ociosos para que não se envolvam com o chamado “mundo do crime”, mas procurando fazer com que aquele momento seja prazeroso para ele, respeitando sua bagagem e o contexto em que o educando vive.

Nessa perspectiva, entendemos a música em contexto de Projetos Sociais como um elemento de grande valor para o aluno, portanto, é necessário refletir qual o papel que ela vem ocupando nesse processo. De acordo com Kleber:

Música nesse contexto, não se estrutura por si mesma, mas é estruturada pelas pessoas, pela capacidade de perceber os sons do mundo material e organizá-los em estruturas simbólicas na dimensão da consciência humana. A música é social não só porque está sendo produzida através do mundo

material e social, mas, também, por sua capacidade de simbolizar o mundo externo material e social tal qual está estruturado. Nessa perspectiva a arte, e conseqüentemente a música são entendidas como uma prática social e culturalmente constituída, e, assim sendo, seu caráter não pode ser visto fora da noção da sociedade, como algo a parte das formas simbólicas e culturais manifestadas pelas pessoas (KLEBER, 2014, p.37)

A música, para os educadores da área, é um tipo especial de ação social que pode ter importantes conseqüências em outras ações sociais, pois ela “... constrói nosso senso de identidade mediante as experiências que ela oferece para o corpo, o tempo e a sociabilidade, experiências que nos capacitam a colocarmo-nos nas narrativas culturais imaginativas” (EYERMAN; JAMISSON, 1998, p. 173 apud KLEBER, 2014, p.38)

Neste sentido, Benedetti e Kerr discorrem não só da implantação das bandas nas escolas como qualquer outra atividade musical desde que envolva o aluno de forma positiva.

A implantação das bandas escolares deve ir ao encontro da necessidade de que elas devem ser algo significativo para o aluno. Afinal toda prática musical, seja ela o canto coral, a banda de música, o grupo instrumental, é muito bem-vinda, desde que tenha sentido para o aluno e que o envolva afetiva e cognitivamente. (BENEDETTI; KERR, 2008, p.42).

É importante ressaltar não só a importância das bandas escolares como fator cultural e como formação do cidadão, mas também como uma oportunidade de descobrir novos talentos que possam estar escondidos devido à falta de oportunidade, o que nos direciona à questão do acesso aos bens culturais e do incentivo à se dedicar à carreira de regente. Conforme Lima:

A banda de música é, para minha vida, um grupo de referência; uma experiência da qual até hoje retiro ensinamentos e lições de vida. Nela convive boa parte da minha adolescência e juventude. Passava, constantemente, mais tempo na sede da banda do que no convívio de minha casa. A banda era a outra família, uma segunda família. Ali aprendi a respeitar regras; a compartilhar problemas e soluções; a construir novas aspirações, opiniões, atitudes, ou seja, adquirir outra visão de mundo. (LIMA, 2005, pag. 12).

Pode-se constatar a partir deste relato a banda escolar como uma referência em lições e ensinamentos para a vida de cada aluno, e desta maneira surgem os novos instrutores que hoje assumem o comando de uma banda ou fanfarra, pois o convívio é tão grande, que a

vivência e o gostar faz com que se tornem regentes ou músicos.

Para alguns alunos a banda é como um espaço de lazer, onde fogem um pouco da rotina da escola. Neste sentido, Brito pontua:

... Banda de Música possui junto a si um caráter social que muito contribui para o ambiente escolar: a hierarquia, a convivência, a inclusão, a valorização do indivíduo com suas particularidades e possibilidades e ainda sua identificação dentro do grupo e dentro da comunidade. Toda essa gama de possibilidades é ferramenta necessária à formação integral do indivíduo na sociedade e por consequência uma ótima ferramenta para o desenvolvimento escolar do aluno. (BRITO, 2003, Pág. 13)

Através das palavras de Brito, pode-se constatar o quanto uma banda pode contribuir com a escola, desenvolvendo e visando o crescimento do aluno nos aspectos pedagógicos e como indivíduo perante a sociedade.

### **A formação do regente de banda em Cuiabá**

Para um regente estar à frente de uma banda escolar, antigamente não era obrigatório ter formação superior em música. A SEDUC permitia que profissionais que possuíam apenas o ensino médio pudessem assumir um projeto de bandas ou algum outro projeto de música dentro do antigo programa PRINART (Projeto Interdisciplinar de Arte na Escola).

Essa portaria foi criada devido ao grande número de professores de música que desenvolviam um bom trabalho à frente desses projetos, porém sem formação superior em música. A função que era atribuída a estes professores era a de Técnico Administrativo Educacional (TAE).

Esse mesmo documento também aceitava professores formados em outras áreas a assumirem projetos de música ou arte dentro do PRINART, porém a prioridade era para os professores com nível superior. Sendo assim, muitos professores de música sem formação superior ficavam desempregados pela falta de qualificação na área.

A realidade atualmente é diferente, e para atuar nos projetos de música ou de bandas nas escolas públicas agora é necessário ter nível superior completo. Muitos optam em cursar uma faculdade em outra área que não seja a música, já que a portaria abre espaço para

outras formações, porém comprovando habilidades no meio musical. Muitos regentes atuantes não conseguem ingressar no curso por não terem conhecimento teórico suficiente em música, já que o ingresso aos cursos de música da UFMT é condicionado à aprovação no teste de habilidades específicas em música.

Isso ocorre muitas vezes pelo fato de que muitos professores de música que se tornam regentes, vêm do contexto de bandas mesmo, e o conhecimento musical adquirido tenha sido apenas o prático. Neste caso, podemos ver a influência que os ensinamentos musicais adquiridos no decorrer de suas experiências como alunos de bandas anteriormente, refletem em suas atuações profissionais posteriores.

Creemos que uma musicalização consistente desde os anos iniciais, preferencialmente nas escolas públicas, contribuiria muito para suprir estas lacunas. Nas palavras de Penna podemos ver como um ensino musical desde cedo poderia contribuir para os regentes de banda.

Um processo de musicalização que, desde as séries iniciais, acompanhasse o aluno durante toda a sua escolarização (ou pelo menos todo o I grau), promovendo o contato constante com a música (alimentação) e levando ao domínio progressivo dos conceitos musicais e sua expressão seria o ideal a que aspiramos. (PENNA, 1990, p. 73)

Penna afirma a importância de um processo de musicalização desde séries iniciais, pois o contato direto com a música leva o aluno a desenvolver outros conceitos musicais além da prática. A experiência musical inicial inadequada pode influenciar diretamente na vida de um profissional da música, veremos isso com o relato de experiência a seguir.

### **Percurso pessoal: experiência musical de aprendizagem**

O interesse pelo tema desta comunicação veio a partir da experiência de uma das autoras como percussionista e regente de bandas. Antes de atuar como regente, esta autora iniciou sua jornada musical em 2004, quando ingressou na banda de percussão da Escola Estadual Dr. Mário de Castro. Atuou na banda até o ano de 2007, sendo que neste período a banda foi comandada por três diferentes regentes.

No ano de 2004 a 2005 o regente foi um professor de música habilitado pela UFMT,

sua didática, utilizada na banda durante esse tempo em que atuou como regente, foi satisfatória. Considerando a quantidade tão numerosa de alunos na banda, este regente considerou a diversidade cultural, filosófica, religiosa deste ambiente, bem como as particularidades físicas e psicológicas dos alunos, tanto no momento de planejar e ministrar as aulas, quanto numa reflexão após a prática educativa musical, a fim de renovar e enriquecer o trabalho pedagógico realizado. A reflexão-sobre-a-ação, para Schon (1992), está em relação direta com a ação presente, ou seja, com a reflexão-na-ação, e consiste numa reconstrução mental retrospectiva da ação para tentar analisá-la, constituindo um ato natural com uma nova percepção da ação.

No ano de 2006 a banda foi assumida por outro regente que não tinha formação em música e junto com ele trabalhava um auxiliar que foi aluno da banda também. A metodologia permaneceu bem parecida, ele utilizava bastante a imitação para o ensino, porém esse regente era mais novo e havia a tendência dos alunos não o respeitarem, por isso ele era bem mais rígido. Foi reaproveitada a maior parte do repertório do antigo regente e acrescentados mais alguns toques percussivos e diferentes evoluções. Com esse regente não houve seleção de alunos para apresentações, mas o critério de não abrir espaço para os alunos aprenderem outros instrumentos permaneceu. Esta situação durou por um tempo até uma das autoras se oferecer para tocar a lira. O professor/regente não sabia tocar este instrumento e no caso os interessados teriam que aprender com um aluno que já tocava, porém, os alunos se recusavam a ensinar pelo fato de ter medo de perder seu posto.

Novamente tivemos mudança de regente no ano de 2007, continuando com a ajuda do antigo auxiliar. Esse regente não tinha formação superior como o antigo professor, sua capacitação para assumir uma banda era apenas a experiência de vivência, já que havia sido aluno em uma banda anteriormente.

No ano de 2008 a mesma autora ingressou na banda da Escola Prof. Rafael Rueda. Foi lá onde começou a descobrir e aprender muitas coisas novas do meio de bandas e fanfarras. Logo de início notou que a organização dos ensaios era outra; para poder participar da banda era preciso fazer uma inscrição e ficar uma semana sem tocar nenhum instrumento, apenas observando como funcionava o grupo. Depois de ter passado o tempo de observação, o regente a posicionou em formação com os outros alunos da banda, perguntou

à mesma qual o instrumento ela se interessava em aprender a tocar. Os monitores eram chamados de P1, P2, P3 e P4, esta sequência indicava que o P1 era o melhor do naipe.

Nesta fase, o conceito do nome da banda mudou, não foi mais chamado de fanfarra, a partir daí passou a ser denominada banda de percussão. Esta banda tinha uma variedade maior de instrumentos que aquela em que a autora participou anteriormente. O atual regente não era formado em música, porém tinha 25 anos de experiência com bandas e fanfarras, sua formação superior era em outra área. Os ensaios aconteciam na quadra da escola ou ao ar livre, sempre ao final dos ensaios o regente fazia reunião com os alunos.

O regente tinha total comando do grupo, os ensaios fluíam bem. O ensaio se dividia com a parte de marcha, onde a banda tocava toques rítmicos, também conhecidos como cadência, só depois as músicas eram executadas com a banda em posição parada, sem marcha. Geralmente tinham outros toques para a banda sair da posição de peça parada, sendo assim ficava a sequência de início meio e fim, esta definição também era seguida nas apresentações.

A banda fez muitas apresentações e participava de vários festivais e concursos, sagrou-se campeã por diversas vezes, também tinha a parte da linha de frente, onde à frente da banda ficava o pavilhão nacional e o estandarte da banda, depois vinha o corpo coreográfico com as participantes que faziam coreografias na banda e logo após vinham as balizas e a parte musical.

Analisando a sistemática de trabalho usada pelos três primeiros regentes neste relato, pode-se fazer uma crítica ao despreparo destes, principalmente no tocante à metodologia de ensaios. Sobre isto, Pereira afirma:

Os nossos ensaios nem sempre são utilizados de forma pedagógica, limitando-se a repetição exaustiva de leitura/execução das músicas, sem nenhuma correção ou apresentação de objetivos, apenas para preparação de repertório. Muitas vezes, o aluno nem conhece com certa desenvoltura o nome e duração das notas, não consegue tirar o som de uma escala maior completa e já tenta tocar as músicas do repertório, utilizando o processo de “tirar de ouvido” e de imitação repetitiva. O planejamento evitaria a defasagem entre as condições do aluno e o nível de dificuldade do repertório (PEREIRA, 1999, p. 66).

As escolas públicas mato-grossenses que hoje em dia possuem uma banda sempre

passam pelo problema da falta de material. Como consequência, há prejuízos reais e até morais, pois seus diretores querem ver um bom trabalho desenvolvido, mas não oferecem condições necessárias para isso acontecer, muitas vezes nem acompanham a banda em suas apresentações.

A banda, que leva o nome da escola e o trabalho que está sendo desenvolvido nela, não poderia ser encarada de forma tão desrespeitosa. Os integrantes de bandas e fanfarras sabem das dificuldades que as bandas enfrentam no seu dia a dia, então para dar continuidade ao trabalho e conseguir fazer uma viagem para alguma competição, adquirir um instrumento ou adquirir um uniforme, tem que fazer promoções e eventos com o nome da banda para adquirir dinheiro, como exemplo: feijoada, bingo, festival de pizza, etc.

No ano de 2012 a banda oficial da escola se desfez, o atual regente saiu da escola devido muitos conflitos envolvendo a banda, dentre eles alcoolismo e problemas de relacionamento. Por esse motivo esta autora foi convidada a assumir a banda de percussão da escola, sendo a partir desta situação oficialmente nomeada como regente oficial da banda. Conforme Bozon:

A imagem social da Fanfarra é má, segundo opinião pública (problema de alcoolismo), sua rejeição pelas instâncias legítimas da música, suas dificuldades de recrutamento abrem para ela uma crise de identidade e colocam em perigo sua existência. (BOZON, 2000, p. 156).

Pode-se inferir que além, das dificuldades citadas no texto pela falta de apoio, as bandas e fanfarras não possuem uma boa imagem perante a sociedade devido problemas de alcoolismo entre alunos e algumas vezes entre o próprio regente e os alunos.

Em 2012 esta autora ingressou no curso de licenciatura em música da UFMT, procurando se qualificar mais na área da música, porém o curso de música da UFMT não oferece uma disciplina que aborde conteúdo específico sobre banda. Sendo assim, outros meios que ela encontrou para melhorar seu ensino a frente do grupo foram minicursos e workshops ministrados por percussionistas de bandas renomadas de outros estados.

Atualmente a banda ainda está sob a regência desta autora, porém de forma voluntária desde o ano de 2017, participando de apresentações e competições dentro e fora do Estado na categoria técnica banda de percussão sinfônica e disputa na categoria juvenil. A

banda foi consagrada octacampeã estadual no quesito corpo musical e regência e conquistou recentemente dois títulos de campeã nacional também no quesito corpo musical e regência.

## Considerações finais

O texto teve como objetivo principal trazer dados importantes que nos façam refletir e que comprovem como uma má iniciação musical pode influenciar na carreira profissional do regente de banda e fazer com que esses profissionais busquem formações específicas e metodologias mais eficazes para a formação de seus alunos. Através das informações contidas nesta comunicação pode-se chegar à conclusão de que as relações aprendizado e ensino estão ligadas, ou seja, o modo como você aprende vai influenciar em como você vai ensinar.

Este relato de experiência teve o intuito de associar a experiência pessoal de aprendizagem a futuros procedimentos utilizados no ensino, vendo o que pode ser retomado e o que deve ser evitado. As atividades de ensino que se ligam a atividades de performance possibilitam a vivência e o fazer musical de uma maneira prática, e podem auxiliar no desenvolvimento de uma atitude ou postura musical mais autônoma, crítica e reflexiva.

Ressalta-se a necessidade de se conscientizar as entidades governamentais para apoiarem efetivamente as escolas que queiram desenvolver um trabalho de musicalização através das bandas. Outro ponto relevante é o papel da Universidade, que deve estar mais conectada aos anseios dos estudantes e à realidade de seu entorno, revendo constantemente seu currículo, acrescentando ou modificando disciplinas para atender também à formação dos regentes de bandas e fanfarras.

## Referências

BENEDETTI, Kátia Simone; KERR, Dorotéa Machado. *O papel do conhecimento musical cotidiano na educação musical formal a partir de uma abordagem sócio histórica*. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 20, 35-44, set. 2008.

BRANDANI, Neide. *A banda marcial como núcleo de formação musical*. 1985. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BOZON, Michel. *Práticas musicais e classes sociais: estrutura de um campo local*. Em Pauta, v. 11, n. 16/17, p. 145-173, 2000.

CAMPOS, Nilceia Protásio. *O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados*. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 16, n. 9, p. 103-111, mar. 2008. Disponível em: Acesso em: 30 agos. 2020.

CNBF - *Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras*. Disponível em: <<http://www.cnbf.org.br/regulamento.html>>. Acesso em: 30 agosto 2020.

HIGINO, Elizete. *Um século de tradição: a banda de música do colégio Salesiano Santa Rosa (1888-1988)*. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro, 2006.

HENTSCHKE, Liane; AZEVEDO, Maria Cristina; ARAÚJO, Rosane. *Os saberes docentes na formação do professor: perspectivas teóricas para a educação musical*. Revista da ABEM, Porto Alegre, n. 15, p. 49-58, set. 2006.

KLEBER, Magali. *A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. 2006. 353 f. Tese (Doutorado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

LIMA, Marcos Aurélio de. *A banda e seus desafios: levantamento e análise das táticas que a mantêm em cena*. 2000. 213 p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

LIMA, Ronaldo Ferreira de. *Bandas de música, escolas de vida*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

PAIVA, Rodrigo Gudin. *Percussão: Uma abordagem integradora nos processos de Ensino e aprendizagem desses instrumentos*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, São Paulo, 2004.

PENNA, Maura. *Reavaliações e buscas em musicalização*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

PEREIRA, José Antônio. *A banda de música: retratos sonoros brasileiros*. Dissertação. (Mestrado em Artes) Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. *Banda de Música: retratos sonoros brasileiros. Abordagem pedagógica – Iniciação*

Musical. São Paulo, 2003.

PÉREZ GÓMEZ, Angel. *O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo*. In: NÓVOA, António. *Os professores e sua formação*. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p.100-114.

PÉREZ GÓMEZ, Angel Ignacio. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SCHÖN, Donald A. *Formar professores como profissionais reflexivos*. In: NÓVOA, António (Coord.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.